

Estatística: Já se vacinou na luta contra o vírus da desinformação?



Por: Osvaldo Silva

Professor Auxiliar do Departamento de Matemática e Estatística da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores e do CICSNOVA.UAc
osvaldo.dl.silva@uac.pt

Comemorou-se no passado dia 20 de outubro o dia mundial (e europeu) da Estatística. Essa data comemorativa foi instituída pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e celebrada pela primeira vez em 2010, por mais de 130 Estados membros e por cerca de 40 organizações e entidades internacionais, com o propósito de valorizar a importância e o contributo da Estatística para a geração de conhecimento e o desenvolvimento da sociedade. O lema de 2021 foi o de “Estatística, uma vacina para proteger a democracia e combater o vírus da desinformação”, assunto da maior atualidade e relevância.

Nunca é demais relembrar a importância da Estatística e do seu papel na sociedade atual, servindo de base à maioria das decisões de governos, empresas e instituições, assim como para todos nós, dando informações sobre o que nos rodeia e que afeta o nosso dia a dia. Um dos problemas graves com que nos debatemos na sociedade atual é o da ainda baixa literacia da população, em geral, e de alguma dificuldade em decodificar grande parte da informação que é veiculada pelos mais variados meios de comunicação social. Quais são as notícias em que podemos acreditar? O que é verdade? O que é mentira? Será que são meias verdades salteadas com mentiras? Este é um dilema que nos assola cada vez mais a nossa vida diária. Parece que o mundo se transformou num circo de artes mágicas! A ilusão e a fantasia parecem que querem comandar as nossas vidas.

As notícias circulam por múltiplas fontes oficiais e não oficiais, que nos deixam muitas vezes mais confusos do que informados, sem sabermos em qual das fontes se pode confiar. As notícias falsas, conhecidas como fake news, estão na moda e temos de ter um filtro capaz para se fazer escolhas acertadas e inteligentes para não nos deixarmos contaminar pelas mesmas e, assim, não sermos umas meras cobaias do sistema que funcionam por controlo remoto, e pudermos atuar como seres pensantes, com liberdade e espírito crítico na tomada de decisões que nos afetam no nosso dia a dia. Estamos numa sociedade dominada pela tecnologia que nos tornou numa aldeia quase global, em que basta um simples clique para estamos a par das notícias difundidas a nível mundial. Por outro lado, temos também um preço a pagar pela inundação da desinformação com que todos

estamos confrontados cada vez mais. Este é um dos maiores perigos da atualidade para a democracia na sociedade.

Essa difusão massiva de notícias falsas tem provocado estragos, principalmente, ao nível dos cidadãos que são manipulados e manobrados como marionetas por interesses políticos, comerciais, entre outros, levando a que uma grande parte das pessoas adotem comportamentos e atitudes que lesam gravemente as vidas pessoais e o superior interesse das comunidades (locais/regionais/nacionais/internacionais) com escolhas nefastas e perigosas. Nos últimos anos temos tido um grande número de acontecimentos, que há uma década ou mais pensávamos que só podiam acontecer num mundo de fantasmas e de diabruras, onde a irracionalidade impera e oportunistas e impostores, nas redes sociais e não só, entopem a informação veiculada com falsidades conjugadas em contextos que à primeira vista parecem ser verídicos. Temos de estar muito alerta senão, como proverbialmente o povo, de forma sábia e sensata, somos “comidos de cebolada”.

A educação e sensibilização da população, em geral, e dos jovens em particular, com a promoção da literacia estatística, de forma efetiva, estimulando o pensamento e o raciocínio crítico, são imprescindíveis para que possamos atuar de um modo preventivo na deteção de falsidades entranhadas nas notícias. Para tal, devemos sempre procurar fontes alternativas para comprovar essas notícias, qual a origem da sua proveniência, quem as difunde e com que fins, de modo a que se possa proceder a uma avaliação criteriosa das mesmas antes de se tomarem decisões com base nas mesmas.

Devemos estar precavidos e um pouco desconfiados quando se recebe qualquer notícia para se confirmar se a mesma tem um grau de veracidade elevado ou não, para não agirmos por impulso e de modo precipitado, para que os danos colaterais não sejam graves. Existe um adágio popular que enuncia que “gato escaldado tem medo de água fria” e para que não sejamos apanhados desprevenidamente por inação, preguiça, ou desconhecimento devemos estar alerta e vigilantes, para não ficarmos reféns e/ou prisioneiros de fábricas de mentiras e de profetas mensageiros da falsidade.

Temos de desenvolver ações de sensibilização e de formação junto dos cidadãos, com todas as ferramentas disponíveis, em prol da melhoria dos seus índices educacionais e de uma cidadania ativa, de modo a que se consigam capacitar como “pescadores da verdade” num mar tempestuoso, onde a agitação “noticiosa” tende a se avolumar se não houver uma mudança dos ventos (regulação mais efetiva e com a divulgação e penalização dos seus principais infratores à escala global).

As notícias falsas, na maior parte das vezes, estão travestidas no meio de estatísticas apresentadas como verídicas, com recurso a tabelas, gráficos e indicadores numéricos e aludindo muitas vezes a estudos que já foram efetuados para criar confiança nos consumidores e de modo a estimular o seu interesse e partilha das mesmas pelos seus grupos de



familiares/amigos e conhecidos. O objetivo é a propagação generalizada dessas informações com o propósito de expandir a cultura da desinformação, inquinando e deturpando a realidade, manipulando os cidadãos e descredibilizando a Ciência.

Infelizmente, os efeitos do uso e disseminação dessas notícias falsas são muito nefastos para a saúde física e mental dos cidadãos, dado que provocam alterações de comportamentos, atitudes e escolhas hostis, tanto a nível individual como globalmente para a população.

Não há receitas milagrosas, mas a educação é a ferramenta chave para ajudar a incrementar e desenvolver a literacia estatística junto dos seus cidadãos, para que estes possam exercer a sua cidadania na plenitude. Deve haver uma sensibilização e tomada de consciência de que o mundo está cada vez mais inundado por dados e com o recurso intensivo à tecnologia e com a aplicação de técnicas estatísticas e de computação estamos a receber a todo o momento dezenas de informações sobre os mais variados assuntos.

Todos nós devemos cada vez mais estar capacitados para ler os números que nos são apresentados e interpretá-los adequadamente, interligando-os ao contexto onde se encontram inseridos. Essa tarefa nos tempos que correm é cada vez mais essencial para decodificar a informação que é veiculada, sendo assim de enfatizar a importância de se possuir uma capacidade analítica e crítica e ter a curiosidade de tentar saber de onde provêm os dados em análise, como é que estes foram recolhidos e em que período, e que cuidados metodológicos foram tidos em consideração.

A literacia estatística relaciona-se com a capacidade de compreender e, simultaneamente, de fazer a análise crítica dos resultados estatísticos do nosso quotidiano. Deve-se utilizar uma linguagem básica e ferramentas estatísticas, sendo para tal necessário compreender os vários termos básicos da estatística, o uso de símbolos estatísticos simples, assim como interpretar e reconhecer as diversas representações de dados. As atitudes no âmbito da aprendizagem estatística exercem uma grande influência em termos de estrutura e aquisição da informação estatística por meio da motivação e do interesse dos estudantes. A Estatística deve ser utilizada de forma conscienciosa porque infelizmente ocorre com alguma frequência que alguns dos seus

utilizadores se convertem em seus abusadores, usando técnicas inapropriadas e não conhecendo adequadamente os pressupostos para o seu uso, obtendo resultados e interpretações incorretas e de má qualidade. Essas situações ocorrem, por exemplo a nível de trabalhos de investigação ou a nível académico onde existem docentes/professores a lecionar Estatística sem terem uma formação adequada e especializada para o efeito, não estando devidamente capacitados e familiarizados com as técnicas estatísticas, embora muitas vezes estejam convencidos de que a Estatística se resume a pegar num determinado software que possibilita a realização de análises estatísticas e a seguir um pequeno guião de receitas de comandos para ficar tudo resolvido. É preciso saber o que se anda a fazer e estar capacitado para fazer uma escolha criteriosa e devidamente fundamentada dos métodos estatísticos a serem utilizados.

Está nas nossas mãos o caminho que queremos trilhar, com o trabalho dos educadores/professores/órgãos de comunicação social e de toda a comunidade envolvente, pelo que devemos esforçar-nos para promovermos, junto dos cidadãos e com maior enfoque junto dos estudantes, as mais variadas formas de literacia (estatística, digital, etc.), de modo a que a democracia seja preservada e mantidas as nossas liberdades individuais. Já dizia o estatístico inglês George Box “Se temos dados, vamos olhar os dados. Mas se tudo que temos são opiniões, vamos ficar com a minha”.

Esse esforço na promoção e desenvolvimento do pensamento crítico é de extrema importância para se aferir a capacidade que a sociedade tem para avaliar as situações e conseguir entender adequadamente aquilo que está a se passar na sua envolvência. Esse exercício do pensamento crítico necessita de ser um processo permanente, incluindo todos os cidadãos, com um conjunto de iniciativas, debates abertos, com o intuito de informar/formar para os tornar mais capazes no combate à desinformação.

Muitos referem que a informação é poder, assim já sabe que para tentar chegar ao poder é necessário conhecer as informações a que tem acesso. Desempenhe o papel de juiz na escolha das informações a utilizar e não se deixe enganar. A escolha é sua, mas mesmo assim aqui vai a minha sugestão: vacine-se na luta contra a desinformação!